2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 41. QUINTA FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XI.

436 Achando-se collocadas na Exposição em contiguidade de logares a Hispanha e a Turquia, isto é, duas oppostas extremidades da Europa, Mr. Blanqui faz as seguintes observações sobre os seus productos.

« A Hispanha foi por longo tempo uma brilhante arena onde as artes fabris resplandeceram com um lustre, que em nossos dias procura renascer. As suas fabricas de armas, de papeis, de sedas, de pannos, de tapetes, de obras de ourives occuparam honrosa cathegoria na Europa: a sua typographia teve uma formosa épocha. Os seus operarios tiveram um merecimento raro, o de serem originaes sem cahir no gosto falso que infestou momentaneamente a sua litteratura: tomaram das tradições arabes uma infinidade de methodos uteis e de fórmas attractivas, que appropriaram com sobridade e intelligencia ás precisões do seu tempo: nunca foram rasteiros nem vulgares, ainda quando parecia apagar-se a chamma de seu genio sob a paixão do fanatismo. Cahiram com altiveza ou com tristura, como cahem os castelhanos, sempre dispostos a erguer-se novamente, e sempre dignos de respeito.

« A sua exposição em Londres não é assás abundante; mostraram-se tão indifferentes aqui como habitualmente o são nas suas exposições nacionaes, onde sempre tem figurado em pequeno numero, ou porque estas novas festas do mundo material excitem menos o seu enthusiasmo do que as que costumam celebrar em seus templos, ou porque os amedronte a distancia em rasão do mau estado das suas vias publicas. Já disse que enviaram maior cópia de materias primeiras que de objectos fabricados, e accrescento que fizeram bem. A Hispanha é um paiz rico sobretudo em productos naturaes, e julgo não lhe fazer injuria affirmando que os seus vinhos, azeites, sedas, marmores, metaes, lhe darão longamente mais honra e proveito do que seus pannos e algodões; mas, nem por isso deve deixar-se de tributar homenagem aos esforços que tenta para entrar na carreira do trabalho industrial no ensejo mais vivo da luta que se travou entre as nações europeas.

« Os productos que a Hispanha appresentou são de boa qualidade; notam-se com especialidade os pannos azues e pretos, estes sobretudo, que são fabricados com as melhores lãs do paiz e podem sustentar comparação com as qualidades correspondentes das fabricas estrangeiras. As sedas de Valencia mantiveram a sua reputação, mas deixam muito a desejar no que toca ao lustre, ao desenho, e mesmo aos matizes. Uma tentativa em renda preta bordada de cores foi menos feliz; talvez seja innovação destinada a obter estimação nas colonias; boas e perfeitas amostras de lonas e cabos testemunham tambem o restabelecimento da industria dos tecidos de fio, que possue grandes elementos de prosperidade naquelle paiz.

Os Hispanhoes exposeram poucas armas, mas essas da sua fabrica de Toledo, a terra das boas adagas e das espadas de tempera macia que entram no corpo com a flexibilidade dos reptis. Alguns coldres de pistolas, e duas peças de artilheria, uma de bronze, outra de ferro batidos, (diz-se que esta fôra forjada pelos carlistas durante a guerra civil) completam a sua collecção de armas, sufficiente para mostrar quanto são capazes de fazer neste genero. Oxalá que elles hajam de empregar o seu ferro n'outras coisas! E o ferro de Hispanha é na verdade excellente e póde emparelhar com o de Suecia. Notam-se tambem na exposição hispanhola bellissimas amostras de pelles de cabrito proprias para luvas, que são as mais macias que se conhecem, e as mais dignas de proteger mãos femininas. Pena é que não se encontrem na galeria hispanhola algumas de suas admiraveis mulheres, daquellas que excitam o enthusiasmo de grandes acções! As bellas visitantes naturaes do norte são tão pouco expressivas, tão compassadas nos modos, que parece sahirem de ouvir um sermão presbyteriano.

Depois de uma digressão estranha ao assumpto, diz M. Blanqui que as materias primeiras estão dispostas com muito boa ordem e com simplicidade na galeria hespanhola; alli se admiram as lãs da Estremadura, as sedas de Valencia, os mineraes de chumbo, os marmores, e sobre tudo a bellissima collecção de conservas de fructos de Malaga! Pela sua inexgotavel riqueza mineral a Hespanha restaurará a sua

opulencia, nas suas proprias entranhas achará com que manter seus filhos. A riqueza mineral é hoje um ponto de partida de todas as outras. Quem possue o ferro, o chumbo, o enxofre, o azougue, e tambem (se assim julgarmos por amostras excellentes mandadas da Galiza) o estanho e o cobre, possue as bases essenciaes de todos os fabricos.

Passando á Turquia diz a mesma carta. « Este paiz aspira hoje a ser contado entre as nações civilisadas, o que lhe faz muita honra. O joven Sultão tenta francamente seguir as pizadas de seu pai, e achou em Rechid-pachá um conselheiro illustrado e um auxiliar resoluto: é certamente á sua poderosa intervenção que se deve attribuir a vantagem que obteve a exposição turca. Na verdade é digna de observação, e tendo eu visitado os famosos bazares de Andrinopoli, de Constantinopla e de Smyrna, não esperava assim mesmo achar tanta diversidade, riqueza e gosto nos objectos que foram mandados do Levante. Confesso todavia que me admirou muito não encontrar senão tapetes vulgares, solidos como os fazem os orientaes e quasi inalteraveis, mas a escolha foi pessima. As alcatifas turcas são talvez os productos daquelle paiz mais susceptiveis de permutação, pelo que não deveriam trazer á exposição senão os mais distinctos por desenho e cores.

Os turcos ordenaram a sua exposição, com muito artificio: semelha-se a um bonito bazar, mais claro e elegante do que são os seus, e onde as fazendas são patentes ao modo oriental. Não fallarei de alguns ensaios de chitas, a que não convém dar impulso, porque são detestaveis, e sem desculpa em rasão do estado adiantado desta industria nos paizes menos industriosos; mas as suas sedas leves, os seus brocados e estofos entretecidos de oiro, merecem attenção, mesmo a par dos productos analogos da India britannica. Os turcos fariam muito melhor dedicando-se á producção das materias primeiras, e sobre tudo das drogas de tinturaria. As suas sedas de Brussa tem fama; as suas ruiva e cochonilha, o seu arroz, e gergelim, e o opio, os latões e as pelles são objectos cada vez mais procurados, e de que não póde prescindir a industria européa. É vantajoso para elles como para nós dizer-lhes que caminhariam errados descuidando-se de seus productos naturaes, de consumo certo, por um progresso fabril mais que duvidoso.

De passagem, cumprimento a pequena exposição grega, onde torno a encontrar os marmores classicos de Paros e o mel do monte Hymeto. A posteridade de Homero e de Pericles cultivou depois as uvas de Corintho, e explora hoje as esponjas e a substancia denominada espuma do mar, que serve para fazer cachimbos de fumar! A Grecia mandou alguns bellos marmores pretos, e ruiva que é tão boa como a de Chypre. A galha, o lirio tinctorio, em breve serão elementos de riqueza para aquelle paiz amigo da França e que sempre mereceu as nossas sympathias.

INDUSTRIA.

Ao publicarmos a importante memoria do Sr. Visconde da Carreira sobre o fabrico do azeite, nos veio ao pensamento o enriquecermos o nosso jornal com a publicação de uma obra de S. Ex.ª publicada em Pariz no anno de 1839. Essa obra pequena em dimensões, sendo apenas a parte de um folheto, é por certo a mais verdadeira expressão do grande, do unico pensamento economico, que sem sophismas, nem miserias politicas póde salvar o paiz, é o evangelho economico a que pertencem as doutrinas, que sem interrupção temos propagado e defendido desde que escrevemos.

Em consciencia julgamos que a collecção da REVISTA se enriquece, guardando nas suas paginas as considerações que se seguem, e que plenamente justificam o elevado conceito que merece o seu illustre auctor, que ahi como em todos os seus actos se mostra conhecedor dos verdadeiros soffrimentos do paiz, e dos unicos meios de os remediar. Quando formula a sua opinião sobre a nossa industria fabril, é mister saber que o auctor escrevia em 1839, quando as pautas apenas começavam a promover os progressos que hoje todos admiramos.

437 As colonias que ainda restam a Portugal nos velhos continentes e mares de Africa e Asia, são monumentos da nossa antiga gloria, portentos espantosos da gigantesca força, diligencia, e perseverança da antiga gente portugueza, que acabrunham a nossa pequenez, e insultam a nossa actual indolencia. Seria pôr o ultimo remate á nossa degeneração, deixar anihilar aquelles estabelecimentos, que se não estiveram feitos, não haveria hoje portuguez que ousasse imaginal-os, e menos emprehender a sua execução, sem correr o risco de passar por visionario ou mentecapto.

Fallando unicamente de Angola, que pessoalmente conhecemos, quem se lembraria hoje em Portugal de ir fundar uma cidade, fortificações consideraveis, como a de S. Miguel, a de S. Pedro da Barra, a do Penedo, a 8° além do equador, levando de Lisboa a cantaria e os materiaes necessarios para tão portentosas obras? Feitos taes que assombram e confundem a nossa apoucada intelligencia, não seriam cridos se não estivessem patentes, accusando a nossa pusilanimidade, e provando a pouca fé que damos áquillo que é superior á nossa fraqueza, ou que parece impossivel á nossa vontade.

Eram os portuguezes de então gigantes em todo o vigor da virilidade, e em comparação delles somos nós pigmeos decrepitos, com as molas da alma bambas e pobres para grandes coisas, e só ainda assás fortes para encherem nossos corações do fel da inveja, e do ignobil e funesto ciume da superioridade alheia. Immensa é a differença entre uns e outros! A nação, em seu decair, passou a meta do seu estado natural, ou como hoje se diz, do seu estado normal, que é aquelle que deve competir-lhe em rasão da extensão e qualidade de seu territorio, e dos elementos intrinsecos de força, de grandesa, e de consideração de que é dotada pela naturesa.

E para este estado que ella deve aspirar de voltar, e não para o mais brilhante e seductor do seu heroismo, estado de febre e de glorioso enthusiasmo, mas por isso mesmo violento e passageiro. Foi este bello sonho, de que hoje acordamos em uma triste e affrontosa realidade, de que é mister sahir a todo custo. Mas devemos ter sempre na memoria que o melhor é o inimigo do bom, como dizem os francezes, e que nada ganharemos em correr após de chimeras enganadoras, que nos desgarram da vereda que conduz á prosperidade. Estas epochas de preeminencia splendente, de preponderancia extraordinaria das nações, fundadas em uma superioridade de intelligencia e de actividade, e favorecidas por circumstancias casuaes, são phenomenos raros, e que não se reproduzem. As ventagens que dahi resultam, o orgulho que ellas criam, e as prepotencias a que levam as nações que dellas gosam, bem depressa excitam o ciume e a rivalidade dos outros povos, os quaes, se por acaso são superiores a outros respeitos, não só adquirem em breve, por estes incitamentos, as qualidades que constituiam a superioridade das outras nações, e acabam assim com o monopolio de preeminencia delles, mas pelo impulso que para isso se dão, e pelo balanço que tomam, chegam logo a excedel-as, e a deixal-as atraz em estado de inferioridade.

Tal foi a sorte de Portugal, e console-se elle, que a mesma tiveram as grandesas ephemeras de Tyro, Athenas, e Carthago na antiguidade; de Veneza, Genova, Pisa, Florença, e Liga Anseatica na meia idade; Hollanda nos tempos modernos, e a mesma terá a da opulenta Inglaterra, que nada no mundo é exempto de perecer. Verdade é que a decadencia inevitavel da Grã-Bretanha não a leverá ao ponto extremo de nullidade e de abatimento, a que a perda de sua superioridade occasional, reduziu aquelles povos famosos; porque tem ella em si elementos internos e indestructiveis de grandesa, possue uma situação admiravel, que a defende das incursões e das influencias perniciosas do estrangeiro, e que fomenta e conserva sempre vigoroso o espirito de nacionalidade de seus habitantes, e finalmente gosa de um clima, que ao mesmo tempo que não impede as producções da agricultura, e a riquesa de armentios, é assas rude para manter o vigor dos homens, e os forçar a uma luta constante, que os impede de cahir em uma fatal indolencia.

Taes são as compensações da naturesa! nós que gosamos de clima mais benigno, e mais spontaneamente productivo, somos por isso naturalmente mais inertes, mais negligentes, atemo-nos ás prodigalidades gratuitas do nosso rico solo, e facilmente nos deixamos adormecer em funesto desmazelo. A nossa actividade carece de mais constante e reflectido esforço, e por isso é ella tambem mais meritoria.

Forte é hoje o incentivo; pois qual será o portuguez que não se envergonha, que não sinta uma nobre indignação, á vista da nossa inferioridade, da nossa nullidade, dos improperios ignominiosos, do despreso desdenhoso com que somos tratados pelas nações da Europa, outr'ora nossos inferiores! Cuidemos pois sem demora de nos rehabilitar, de sahir de tão abjecto estado, e de recuperar no gremio das nações o posto e a consideração que nos competem. Para isso porém é necessario que tenhamos um bom governo, e sobre tudo um governo estavel e não em perpetuo tirocinio, com força sufficiente para domar as facções, para restabelecer a perdida unidade e harmonia nacional, e para fazer conspirar todas as forças intellectuaes e materiaes da sociedade para o fim commum da publica prosperidade.

Mas não basta que tenhamos um bom governo, que este seja alheio a sordidas intrigas, que se não deixe levar nem dominar pela ominosa influencia de conciliabulos tenebrosos, e que obre em uma sphera de inteira independencia, sem reconhecer outro mando que o da virtude e da sabedoria, nem ter outro fito que o bem geral; é tambem necessario que elle seja coadjuvado pelos esforços simultaneos de todos os portuguezes, e não contrariado, desalentado, espicaçado, calumniado pelas incessantes vociferações da ambição presumpçosa, ou da ignorancia atrevida e invejosa. Acabem por uma vez as stereis controversias e alambicadas subtilezas da politica dogmatica, origem sómente de odios e deploraveis discordias, e triste imagem das disputas mysticas, que tão fataes foram tambem ao imperio grego. Façamos em vez disso alguma coisa verdadeiramente util e proveitosa á nação (1).

Quaes serão porém os meios adequados para livrar o povo portuguez da miseria e do abatimento em que se acha, e para restabelecer a monarchia no logar que lhe compete na grande jerarchia dos estados independentes? Sobre isto daremos a nossa opinião, com convicção, mas sem presumir da infallibilidade, deixando á memoria a parte das Colonias de que specialmente se occupa, e tratando sómente de dois objectos com alguma extensão: industria fabril, e estradas.

Mui limitadas são as precisões dos povos errantes, quer caçadores, quer pastores. Poucos utensilios, algumas armas, grosseiro vestuario, cabanas informes de terra, de ramagens, ou barracas ambulantes de pelles cruas, é tudo quanto elles necessitam. A sua riqueza, a sua felicidade consiste na posse e na fruição destas poucas coisas, de facil producção.

Passando ao estado fixo de agricultores, os povos tem logo mais numerosas precisões, porém são ellas ainda a principio poucas e singelas. Os productos da terra e dos gados, com grosseiro e tosco amanho, bastam a satisfazel-os.

Á medida que estas sociedades prosperam, vão-se insensivelmente complicando as precisões, e formando as desigualdades de fortuna, que são o estimulo natural do progresso da riqueza geral; porque os homens mais abastados, gozando de mais commodos da vida, ou para melhor dizer, livrando-se a principio de maior numero de incommodos e privações, excitam

(1) Citaremos a este respeito as expressões de um escriptor judicioso: « Longtemps abusé par de creuses théories sur « la pondération des pouvoirs, par des sophismes de metha- « physique politique renouvelés des Grecs du Bas-Empire, le « peuple est maintenant devenu incrédule comme saint Tho- « mas, il a désormais besoin de voir et de toucher pour croi- « re à la loyauté des partis, au bon vouloir du gouvernement « et des administrations municipales; ce qu'il désire avant tout « aujourd'hui, c'est que la priére qu'il répéte depuis tant de « siécles soit enfin exaucée: il veut être délivré du mal, c'est- « à-dire de la misère. »

(*Journal des Débats*, *Septembre* 1838.)

os outros ao trabalho e á diligencia, para grangearem as mesmas vantagens.

Assim se vão pouco a pouco formando as riquezas, augmentando as necessidades facticias, e originando o luxo, *que é a exageração das necessidades facticias, ou o ponto extremo dellas, em um estado determinado e fixo da sociedade.*

Digo em um estado determinado e fixo da sociedade, porque a despeito das leis sumptuarias, e como para provar a vaidade ou a natureza ephemera de suas disposições, muitas coisas que em uma épocha são de luxo, em outra se tornam de necessidade facticia; e hoje mesmo estamos vendo gente de poucos teres, gozando de comodidades e confortos da vida, não sonhados nos tempos mais remotos, ou que nos mais modernos, passaram por superfluidades exclusivas da opulencia. Com effeito as necessidades absolutas e indispensaveis a pouco se reduzem: alimento simples e frugal, e defesa grosseira e incompleta das inclemencias da atmosphera. *Tudo o que não é strictamente necessario para a conservação da vida são precisões facticias, as quaes são o estado primitivo do luxo, do mesmo modo que o luxo vem depois a ser muitas vezes o estado primitivo das precisões facticias.*

Illustremos esta doutrina com um exemplo tirado da historia de França.

Quando Philippe IV, chamado o Bello, foi visitar os estados de Flandres, que atraiçoadamente tomára ao infeliz conde Guy de Dampierre no anno de 1299, levou comsigo a Rainha Joanna sua esposa. Chegando a Bruges, ficou esta senhora aturdida e vexada com a sumptuosa magnificencia que observou nas damas daquella cidade, e em seu despeito exclamou assim: « Cuidava eu que seria aqui a unica Rainha; mas « vejo nesta cidade para mais de seiscentas mulheres, « que poderiam disputar-me esta qualidade pela ri- « queza de seus trajos (1). »

E que diriam os barões e paladinos francezes daquella edade se hoje ressuscitassem, e vissem o vestuario, as eguarias delicadas, as casas agazalhadas, limpas e adornadas, a mobilia commoda e numerosa, as magnificas carruagens publicas, em summa os confortos e prazeres de toda sorte de que gozam os villãos, os humildes peões de seu tempo (2)?

Bruges era então o centro da industria da Europa, e capital de um pequeno estado, que tambem gozou por muito tempo de uma preeminencia brilhante, devida á superioridade ou ao estado mais avançado da intelligencia e da industria de seus habitantes. Á Rainha Joanna se afigurava por tanto luxo desenfreado o o que em Bruges parecia provavelmente simples satisfação das necessidades facticias da opulencia.

Um dos criterios que mais distinguem o que hoje se chama civilisação, é a multiplicidade e a vulgarisação das necessidades facticias, ou a transformação dellas em necessidades verdadeiras; e póde dizer-se que *a civilisação moderna está na rasão directa daquella multiplicidade e vulgarisação, ou daquella transformação; e por consequencia, que uma nação é tanto mais civilisada, quanto maior é o numero de taes necessidades, a que mais geralmente satisfaz* (3).

Se com este criterio aferirmos o estado de Portugal, e o compararmos com o dos outros povos da Europa, com poucas ou nenhumas excepções, veremos com magoa e confusão o nosso deploravel atraso, a nossa inferioridade relativa. Não é para este logar a investigação das causas que nos levaram a este estado de abatimento, as quaes foram muitas variadas e complexas: trataremos somente de apontar succintamente os meios que nos parecem adequados para nos colocarmos a par das outras nações, sem que presumamos de haver descoberto a pedra philosophal.

O problema a resolver, segundo o que fica dito, póde reduzir-se ao enunciado seguinte: « *Procurar « ao maior numero de povo a satisfação do maior nu- « mero de necessidades facticias, ou de necessidades « verdadeiras da civilisação moderna.* »

Para o conseguir um meio somente se apresenta, e vem a ser: « *Promover efficaz e judiciosamente mui- « tos e variados ramos de producção e de industria, « para assim obter o desenvolvimento e o emprego de « todas as intelligencias, de todas as faculdades, de « todos os meios, de todas as variadas aptidões do povo « para differentes e variados trabalhos.* »

(Continúa.)

(2) Anquetil, *Histoire de France*, tom. 2.°, pag. 265.

(3) Para completar o termo de comparação ajuntaremos aqui os extractos que o autor citado nos dá da lei sumptuaria promulgada pelo mesmo rei Philippe o Bello. Quanto á comida, as disposições daquella lei eram as seguintes: « Nul « ne donnera au grand mangier, que deux mets et un potage « au lard, sans fraude; et au petit mangier, un mets et un « entremets. Les jours de jeûne, deux potages aux harengs « et deux mets, ou bien un potage et trois mets. Dans ces « jours, il n'y aura qu'un seul repas. On ne mettra dans cha- « que écuelle qu'une manière de chair ou de poisson. Le fro- « mage n'est pas un mets, s'il n'est en pâte ou cuit à l'eau. » Quanto ao vestuario, a lei ordenava que os duques e os condes mais ricos, e suas mulheres, não teriam mais de quatro vestidos por anno, dois os cavalleiros, um os filhos familias, e o mesmo as damas cazadas ou solteiras que não fossem castellãs. *Ibid*, pag. 297 e 298.

(3) Observaremos de corrida, que a multiplicação das necessidades facticias, contribue directa e efficazmente para a conservação da paz, e vai aproximando as nações da Europa do estado ideal da paz perpetua. Com effeito, as guerras dos povos que tem muitas daquellas necessidades, são por isso mesmo extremamente dispendiosas e difficeis, e conseguintemente não são movidas sem causa muito urgente e justificativa. Comparem-se, por exemplo, as enormes bagagens de um exercito inglez, os embaraços e as despezas exorbitantes de um tal exercito, com o diminuto trem de um exercito hespanhol, e o modico dispendio que occasionam as suas operações militares, e ter-se-ha uma idéa das razões que obrigam necessariamente o governo britannico, a ser mais circunspecto e renitente que o governo hespanhol, em mover guerras. Além disso a satisfação completa de necessidades facticias numerosas, exige a continuação do trato mercantil das nações, cuja interrupção pela guerra, occasiona a impossibilidade daquella satisfação, e dá motivo a descontentamentos populares, tanto mais perigosos quanto maior é o numero e a importancia das privações. É evidente que todas estas considerações são pêas, que a civilisação moderna tem posto aos animos bellicosos, e á ambição dos conquistadores civilisados. Fazendo applicação desta theoria, direi estar persuadido de que a carencia, quasi total, de necessidades facticias em Hespanha, é uma das causas principaes da duração da cruel guerra civil, que assola aquelle desgraçado paiz, e da possibilidade da sua prolongação indefinida.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

RECORDAÇÕES DE ITALIA.

De Genova a Pavia.

IX

(Continuado de pag. 464.)

438 Deviamos aproveitar o tempo que tinhamos para vêr ainda uma das maravilhas da Lombardia — a Certosa — edificada por João Galeace Visconti, que fica a pouca distancia de Pavia, cinco milhas, acho eu, e a dezesete de Milão.

Partimos n'uma carruagem que, segundo a descripção de Alexandre Dumas, deve assemelhar-se muito ao *corricolo* de Napoles. Ao cocheiro, entre parenthesis, faltava-lhe um olho. O cavallo não era dotado daquelle excellente humor d'um cavallo de posta. Mais d'uma vez soffreu aspera correcção do seu dono, e os mais energicos epithetos no dialecto milanez.

Encantadora estrada! Viajavamos entre dois canaes, avistando campos esplendidos de vegetação, e contemplando, de espaço a espaço, brancas e agradaveis habitações, distribuidas de um e outro lado da estrada, como as sentinellas perdidas daquella admiravel civilisação, que se desenvolve, sem ter de horrorisar-se dessa chaga das nações opulentas — o pauperismo e a miseria.

Parece-me mesmo que no estado em que estão as estradas, na situação agricola e industrial daquelle paiz, não se viaja, passeia-se, sobretudo na estação amena do outono.

Chegámos finalmente defronte da fachada do mosteiro. Eram tres horas da tarde. Hora da sesta. Estava tudo deserto. Viam-se apenas as aves domesticas vagando pelo largo espaçoso que se estende do lado direito. Ouvia-se o murmurio uniforme do relogio, unico documento de que a vida corria, imperceptivel e monotona. D'outro modo poder-se-hia imaginar que a existencia alli parára totalmente.

Quem não desejou, nas horas amargas, ser monge, e morrer para o mundo, vivendo para a solidão, e para o pensamento? Quem ha ahi que desgostado dos faceis praseres, com a alma morta para todo o impulso de gloria, para toda a emoção de amor, que não se imaginasse vagando com os monges de S. Bernardo, nas neves eternas das montanhas, perante as magnificencias daquella natureza, que domina os acanhados limites da terra?

É que a egreja está edificada n'um sitio affastado, como se houvesse fugido do tumultuar das turbas; como se desejasse que os canticos dirigidos a Deus, não fossem perturbados pela voz das paixões, e dos interesses dos homens. Tudo convida ao recolhimento e á meditação. Aquellas paredes, já amarellecidas pelo tempo, infundem n'alma esse supersticioso respeito, que possuimos pela memoria das gerações finadas: e se depois nos lembrâmos que alli repousa, de mãos crusadas sobre o peito, como em constante oração, a estatua do seu fundador, ainda mais se nos gravam no coração as impressões de veneração ao passado.

É que João Galeace Visconti, que elevou este magnifico monumento, que é uma das mais bellas egrejas de Italia, tem rasão de estar representado em piedosa concentração religiosa. Foi criminoso e muito: e nem todos os feitos do seu heroismo, e nem todas as esplendidas creações do seu genio religioso e guerreiro pódem apagar as manchas da sua vida.

João Galeace Visconti, senhor de Pavia, e conde de Vertus, (este ultimo titulo obtido pelo seu casamento com a princeza Izabel, filha de João II, rei de França) apoderou-se pela surpresa dos estados de seu tio Barnabé, e encerrou-o, a elle e a seus filhos, no castello de *Prezzo*, aonde se desconfia o ter-se desfeito delles pelo veneno. Este foi o primeiro duque de Milão, e com consentimento do imperador Wenceslau, tomou o titulo em 1396.

Nesse mesmo anno, em 8 de Setembro, é que começou a fabrica deste sumptuoso templo. Parece que lhe foi suggerida por Catharina, filha de seu tio Barnabé, e sua segunda esposa. O mais provavel é que fosse para expiar o crime, que o duque se resolvesse a ter propicio o céu, por este meio, facilmente acreditado infallivel naquellas eras de fanatismo religioso.

Recebeu-nos á porta um monge, de cara beatifica, e podéra dizer, sem offensa da ordem de S. Bruno, que eu muito respeito, com maiores laivos de simplicidade e curteza intellectual, do que de extasis e elevação religiosa.

Era o typo do leigo, nem gordo, nem magro, — nem rosado, — nem pallido, nem com a phisionomia hypocrita do Ambrosio de *Gil Braz de Santilhana*, — nem com as feições irreverentes, e prophanas de tantos que nós conhecemos por ahi, que depois da revolução liberal, lançaram *le froc aux orties*, cantam modinhas, e recitam poesias galantes por casas particulares.

Para dizer melhor, e fazer escapar o leitor ás torturas de uma longa dissertação, era um destes entes, que vem ao mundo sem saberem porque, e que morrem sem indagarem, em meditações preliminares, se a sua alma gosará da bemaventurança nos coros celestes, ou será devorada vulgarmente pelos vermes immundos do cemiterio.

Para escapar ás perguntas, a que naturalmente qualquer viajante submette a sua parca sciencia, vendeu-nos por não sei quantas lyras milanezas um pequeno livro que trata exclusivamente da *Cartuxa*, e que nos dispensou, é força confessal-o, de enchermos algumas folhas de papel de apontamentos escriptos a lapis. A fachada começada em 1453, cincoenta e um annos depois da morte do fundador acontecida em 21 de Agosto de 1402, foi feita sobre os desenhos de Ambrosio Fossano, por alcunha o *Borgognone*. A épocha denuncia que se devia affastar do estylo gothico, e entrar um pouco nos dominios da renascença. Effectivamente comparando este edificio com a egreja edificada por Bramante, que eu depois examinei em Milão, conhece-se o parentesco dos generos, e que já a arte grega, e romana dominava a inspiração do artista. Entretanto, é necessario confessar que o gothico ainda se reconhece predominante, e sobretudo na parte superior do templo.

As estatuas que guarnecem os diversos nichos, pouco interessam, porque seria necessaria a vista de um

lince, para lhes descobrir os defeitos ou as perfeições. As sessenta medalhas de marmore de Carrara, que se estendem no envasamento, essas são executadas com muita delicadeza, e tem o merito de representarem as cabeças de imperadores, e reis romanos. Escolha de assumpto, que denuncia já a influencia da antiguidade sobre aquelle seculo, que devia approximar-se pelos Bramantes, Vinci, e Miguel Angelo, pelos Raphaeis, Giorginos, e Ticianos, das mais bellas creações do genio antigo.

Existem tambem espalhados em toda a extensão, e altura da fachada, na parte inferior, uma quantidade infinita de baixos relevos, que representam assumptos da escriptura: pertencem a auctores secundarios, cujos nomes como de rasão, acabam em *o* e em *i*, e que eu entrego á importuna minuciosidade descriptiva de algum abbade, bem ignorante, e bem esterilmente charlatão.

A porta, formada de quatro columnas isoladas, sobre que se sustenta um arco, é admiravel pelo aventuroso da architectura, e pelo bem acabado de todos os detalhes artisticos. Tres baixos relevos reproduzem scenas da historia do convento. Um, a ceremonia que teve logar quando Galeace lançou a primeira pedra do templo: mais acima, a figura de Alexandre III, dando a constituição aos cartuxos: do lado esquerdo, o funebre cortejo, que acompanhou o corpo do fundador, em Novembro de 1443, quando se transportou de Malegnano á Cartuxa de Pavia. Ironia e decepção da gloria humana! Os restos do omnipotente duque perderam-se, naturalmente por desmazelo, em quanto se edificava o tumulo, e talvez estejam confundidos e enterrados Deus sabe aonde!....

Á vista disto de que serve encher o mundo com o brado de um nome, e as paginas da historia com algumas linhas orgulhosas, se nem a um pouco de pó a posteridade conserva o culto do reconhecimento, e da admiração?

Para onde atiraram o craneo de Mirabeau, aquelle grandioso craneo, d'onde sahiu invencivel e armada a revolução de 1789, como a Minerva da cabeça de Jupiter?

Que importa?... O *nada* é tremendo, mas não cogita: as demonstrações da gloria, ou as humilhações do desprezo de que valem ao cadaver, que jaz desfeito?

Sigâmos este bom monge, que em vez de pensar em tudo isto, lembra-se apenas do momento em que ha de entregar-se ás delicias *del pranzo*.

Como é espirituosa, e sagazmente verdadeira aquella bem-aventurança do Evangelho: « Bem aventurados os pobres de espirito, que é delles o reino do céo! »

LOPES DE MENDONÇA

(Continúa.)

RESPOSTA A UM PEDIDO DE VERSOS N'UM ALBUM.

439 Não vês na *Semana*
A caricatura?
E queres que eu faça
Tão triste figura?
Serei novellista,
Serei stoltista,
Serei progressista:

Serei quanto queiras
Mas d'albuns poeta....
O Tulio viria
Chamar-me pateta.

ARMAS DE COIMBRA.)

Parece de Coymbra en el pendon,
Qual lo vemos al ayre desplegado,
La Nympha en forma de un encâtamiẽto,
Que la aguarda un gran Drago, e un Leon,
Y con justo blason
(Pues que el Reyno pregona
Que es alli su corona)
A la Nympha corona fue añadida,
Que por el agua vá medio metida,
Quanto mano pintar la pudo hermosa,
Pero como offendida,
Turbada toda y toda desdeñosa.
Sá de Miranda.

440 Em campo de oiro uma donzella coroada, mettida nua em copa de prata, olhos no céu, e mãos postas; á direita um leão vermelho, á esquerda uma serpente verde, — são as armas de Coimbra, esculpidas ainda hoje nas portas e fontes da cidade, no estandarte, e casas da camara.

Este famoso hieroglifico, tão cantado de antigos e modernos poetas, é tambem largamente discutido por nossos historiadores.

Miguel Leitão de Andrade, costumado a betar ainda a historia verdadeira com ficções maravilhosas, decifra este emblema, referindo-o á singular aventura, de que derivou a etymologia de Coimbra (1).

Pedro de Mariz, espraia-se em desvairadas allegorias (2); *Gasco* (3), *Botelho* (4), *Cardoso* (5), *Carvalho* (6), seguem a opinião, que temos por verisimil, da qual referimos a substancia.

Ataces, rei dos Alanos, consumia as treguas, que, depois de numerosas campanhas, concedêra a seus inimigos, na edificação de Coimbra.

(*) Vejam-se os artigos, que sobre o assumpto havemos publicado nos precedentes volumes deste jornal.

(1) *Miscel. Dial.* 15. — tom. 2.° art. 1084 deste jornal.

(2) *Dialogos de varia Historia* — tom. 1.°

(3) *Conquista, Antiguidade, e Nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra.*

(4) *Historia breve de Coimbra.*

(5) *Diccionario Geographico.*

(6) *Corographia Portugueza.*

Hermenerico, rei dos Suevos, seu antigo emulo, tenta surprehendel-o na obra, dirigindo-se com grande pressa e cautella á cidade nascente.

Chegára porém ao descuidado monarcha a nova do accommettimento a tempo de se aperceber para o repellir.

Não lhe soffre o animo esperar o adversario dentro das fortes muralhas, que já havia levantado; sahe a campo, apresenta-lhe batalha, desbarata-o, e persegue ainda as reliquias do exercito na sua violenta retirada.

Pede a paz Hermenerico, e, por confirmação della, Cindasunda, sua filha, de extremada forfomura, se desposa com o vencedor.

Desde então a effigie desta princeza, posta na copa, symbolo das bodas, entre o dragão, timbre do pai, e o leão, timbre do marido, fica sendo as armas da cidade.

As fontes proximas destas noticias são duas cartas publicadas por *Fr. Bernardo de Brito* em 1609 na segunda parte da *Monarchia Lusitana*, as quaes depois transcreveu *D. Rodrigo da Cunha* no seu *Cathalogo e Historia dos Bispos do Porto.*

Uma destas cartas é do bispo Arisberto, segundo prelado daquella diocese, para Samerio, arcediago de Braga; a outra é para o bispo Pamerio.

Alguns escriptores reputam apocryphos estes documentos; porém o Chantre de Evora, *Manuel Severim de Faria*, e o beneficiado da Sé de Coimbra, *Francisco Leitão Ferreira*, sustentam a sua authenticidade.

Para nós é de summo pezo a auctoridade destes insignes archeólogos.

R. DE GUSMÃO.

UM CAPITULO DA HISTORIA CONTEMPORANEA, OU A ENTRADA DO MARECHAL SOULT NO PORTO EM 1809.

(Continuado de pag. 478)

441 Por esta medida começava o general francez a desfazer-se do nosso exercito que temia, e nisso era poderosamente coadjuvado já no Porto por Franco, já em Setubal pelo marquez del Soccorro.

A mania legislativa de geito se apoderou destes generaes, que por toda a parte appareciam leis francezas e hespanholas. Taranco, entre outras providencias, fulminava penas (13 de dezembro) contra as povoações que hostilisassem as suas tropas; a 20 publicava instrucções para arrecadar os bens e as rendas das casas sequestradas, e a 31 mandava em *beneficio da nossa agricultura* dar baixas e licenças aos soldados portuguezes. Ao mesmo tempo o marquez del Soccorro, ainda por *beneficio da nossa agricultura*, licenceava no decreto de 31 de dezembro os nossos regimentos, ou lhes dava baixa. Por outro de egual data confirmava os corregedores, e mais magistrados que achára no Alemtéjo e Algarve, fazendo tudo isto em nome do seu governo, e, como elle se exprimia, *por um rasgo de generosidade.* Finalmente em 6 de janeiro reformava o nosso processo civil e criminal (78).

Em Lisboa tambem poucos dias se passavam sem que o primeiro ajudante de campo de Napoleão nos mimoseasse com alguns decretos. Em 1 e 3 de dezembro nomeou a Francisco Antonio Herman, assim para commissario do governo francez junto do conselho da regencia, podendo assistir ás suas deliberações, e exigir que se lhe désse conhecimentos de todas, como administrador geral das finanças (79), isto é, para ministro da fazenda, posto que só no 1.° de fevereiro elle fosse positivamente nomeado ministro do *interior e finanças.* Em 4 do mesmo dezembro foi por ordem do almirantado, que seguramente cumpria a do general invasor, nomeado commandante da marinha no porto de Lisboa, em nome do Imperador dos francezes, o capitão de navios Magendie (80).

E o que faziam os regentes ao vêr tantas insolencias? Callavam-se sem jámais lhes escapar um brado de indignação, nem mesmo quando a 13 daquelle mez de dezembro viram nas fortalezas de Lisboa arrear as quinas portuguezas para arvorar as aguias de Napoleão, insulto que o povo presenciou com tamanha raiva e desesperação, que inconsiderada e inutilmente se revoltou.

Mas os da regencia faziam ainda peior. Com

(78) Todos estes decretos vem no citado Observador.

(79) Idem. Eis a parte final do decreto de 3: — O conselho da regencia, e todas as auctoridades civis e militares o reconheçam como tal. — Á vista disto que figura faziam os regentes?

(80) Os ministros e conselheiros do almirantado participavam ao corpo da marinha que o tal Magendie — se achava encarregado em chefe da marinha em o porto de Lisboa em nome de S. M. o Imperador dos francezes para que o reconhecesse e lhe obedecesse. — Obs. pag. 66.

inaudito sangue frio executavam as ordens daquelles a quem as deviam dar, e adulavam-nos pelo modo que se vai vêr.

Prohibindo Junot trazer armas de todas as especies, e por consequencia caçar, elles por avisos de 3 e 4 de dezembro servilmente repetiram essas ordens, e mesmo annullaram as licenças já dadas para ir á caça, ou usar d'armas ameaçando os contraventores com as penas legaes, e com outras que a mesa da regencia, a qual nenhuma auctoridade tinha de estabelecer penas, *julgasse mais convenientes para reprimir o uso dellas.* E não pararam aqui. Um aviso de 28 assignado por Salter mandava a diversos corregedores do interior distribuir dinheiros dos cofres publicos a certos destacamentos francezes; o que na verdade não era senão repetir o mesmo que todos os dias succedia na capital. Emfim, o escandalo subiu a ponto de se mandar pela secretaria do reino publicar o seguinte edital:

« Os governadores do reino fazem saber, que « o general em chefe do exercito de S. M. o « Imperador e Rei, *continuando a dar as mais « positivas provas do desejo que tem de concorrer « para a felicidade dos povos deste reino*, lhes « escreveu uma carta, pela qual lhes significou « o grande desprazer que tinha de que houvessem pessoas mal intencionadas. que apesar de « toda a sua diligencia, tenham procurado des« animar os povos, persuadindo-os a que não « semeem, porque não recolherão as suas sea« ras, nem se refaçam de gados em logar dos « que a necessidade absoluta tem feito consumir « no sustento do exercito, porque lhes serão *igual« mente tirados*: segurando-lhes debaixo das pro« messas mais solemnes, que os lavradores go« zarão pacifica e inteiramente dos fructos do « seu trabalho, e terão da parte do mesmo ge« neral em chefe toda a protecção; e muito prin« cipalmente os habitantes da provincia da Bei« ra (81), que *soffreram tanto com a passagem « do exercito*, não deixarão de ter uma indem« nisação proporcionada ao seu prejuizo, logo « que as circumstancias o permittirem: e porque « em virtude de *tão solemnes promessas*, devem « os lavradores concorrer da sua parte para tão « uteis e saudaveis fins, depondo *vãos temores. « que só podem nascer da maldade de alguns « perturbadores da felicidade e socego publico;* « ordenam os mesmos governadores, que todos « os lavradores destes reinos façam logo as suas « sementeiras, aproveitando com toda a activi« dade e *confiança* o tempo que ainda lhes resta, « e da mesma sorte procedam á compra, e *pro« movam a creação dos gados necessarios para « a lavoura*, e outros usos; e para *auxiliar tão « importantes objectos*, se tem passado aos cor« regedores das comarcas as ordens as mais po« sitivas. E para que chegue á noticia de todos, « mandam publicar este, affixando-se em todos « os logares publicos desta cidade e reino. Se« cretaria d'estado dos negocios do reino, em « 29 de dezembro de 1807. (Assignado) *João « Antonio Salter de Mendonça.* (82) »

Do edital deduz-se que Junot escrevêra aos phantasmas do governo pedindo-lhes, ou ordenando-lhes que dissipassem as intrigas dos *mal intencionados*, e que os phantasmas accedendo promptamente, de novo lhe prodigalisaram os seus putridos incensos. Nem sequer reflectiram que o general francez infallivelmente despresaria estes que tanto se humilhavam, e que em vez de irem longe dos francezes lançar-se nos braços da população para ahi organizar a resistencia, ou al-de-menos salvar a honra, tranquillamente na capital aguardavam o ultimo pontapé, que lhes chegaria, como chegou, quando Junot percebesse que já não carecia delles para nada.

Nem se creia que aquella nobre resolução seria impossivel, ou ainda mui arriscada. As ultimas classes toleravam o jugo francez, mas detestavam-no. As outras, arrependidas já do seu zelo a favor dos soldados de Napoleão, ou da indifferença com que a principio, abandonadas pelo principe regente, os viram assenhorear-se do reino, folgariam expiar a culpa, reunindo-se em torno de um chefe que se propozesse livral-o dos invazores. A exactidão do que affirmamos ficará mais saliente quando se meditar na ancia com que os populares, por toda a parte, buscavam sublevar-se, ainda com grave risco de vida, e quando se souber que mesmo em Lisboa, aonde permanecia o grosso do primeiro exercito da Gironda, já se tratava de organisar, e por fim organisou, o conselho conservador,

(81) Da Beira Baixa. Os francezes vieram para Abrantes por Alcantara e Castello-Branco, etc. No transito pilharam as colmêas, as cabradas, e tudo o que os paisanos possuiam, que pouco devia ser. Foy no tom. 2.º pag. 197, a respeito desta marcha, exprime-se assim — « Desgraçada a humilde choupana que aquelles bandos esfaimados topavam ao passar!...»

(82) Obs. pag. 87. Tambem nelle se acham os mais editaes a que alludimos, e outros de egual jaez.

que, supposto ás occultas, e mui pouco energicamente, no que assaz contrastava com os mesmos populares, tambem fomentava, ou parecia fomentar, a revolta mesmo na capital (83).

Póde afoitamente assegurar-se, que se o general francez não expulsára os homens da regencia, o servilismo lhes iria deparando novos perfumes para novas adulações, e que o publico vel-os-hia seguir o seu caminho com admiravel cynismo, dando sempre pessimas lições de amor de patria, e aconselhando obediencia aos enviados do imperador, para a final acoimarem todo o mundo de traidor, e atulharem os calhabouços, como fizeram na mesma occasião em que Wellesley ou Wellington participava ao seu governo, não haver em Portugal topado um só traidor (84).

Embora pois os regentes, desde Fevereiro, não servissem os francezes; a prompta e servil obediencia que precedentemente lhes prestaram, era sobejamente infame e criminosa, por tanto inhibia-os de perseguir a pessoa alguma. Importa ainda advertir, que se os regentes destituidos não mais serviram os francezes, foi, como lembra o Campeão, porque estes completamente os despresaram: tal era a sua insignificancia politica! Se não os serviram, tambem nunca jamais, ainda depois do 1.° de fevereiro, contrariaram a dominação franceza, e somente resurgiram da campa, quando um soldado inglez, dando a cada um delles a mão, lhe disse *surge*.

Como não entra em nosso proposito levar este escripto muito mais longe, nem enumerar os actos de Soult durante a occupação do Porto, sem mais divagações resumiremos o que nos resta a dizer.

Parece que Nicoláu João de Deus Soult, rivalisando em ambição com Junot e outros generaes francezes, tambem almejava um throno, e que achando-se em Portugal, traçára o plano de ser ahi rei. A encyclopedia — *Des Gens du Monde* — conta-nos no art. Soult, que este pacificára a terra, que restabelecêra a confiança, e que os habitantes o convidaram para transmittir ao imperador uma supplica, pedindo-lhe algum principe da sua familia para reinar em Portugal; porém a Biog. Un. dos Contemp. é muito mais explicita.

« Está quasi verificado, diz ella no mesmo « art. Soult, que o marechal, durante o seu « commando em Portugal, seriamente pensára « em se fazer rei. Na Hist. da Guer. Penins., « por Southey, lê-se a seguinte passagem. — « Houve entre os portuguezes traidores á sua « patria, alguns que favoreciam o projecto for- « mado por Soult, de reinar na Luzitania Se- « ptentrional. Uma deputação de doze habitan- « tes de Braga, se dirigiu para isso a casa do « marechal, e uma proclamação com a narra- « ção do que ahi se passára, foi depois endere- « çada aos portuguezes, contendo estas expres- « sões: — Ao antigo governo tudo era indiffe- « rente, menos o augmento dos seus rendimen- « tos. A casa de Bragança cessou de reinar, e « a Providencia, que vela sobre os nossos des- « tinos, enviou-nos um homem, que buscando « somente a gloria, não deseja servir-se do po- « der que Napoleão lhe confiára, salvo para li- « bertar-nos da anarchia que nos ameaça. E « porque não iremos grupar-nos em volta desse « homem, para o proclamarmos libertador da « patria? O Imperador dos francezes nos apoiará, « e folgará de vêr um dos seus generaes tornar- « se o nosso soberano. — Ora, uma tal procla- « mação jamais se publicaria em gazeta depen- « dente da administração franceza, sem aucto- « risação do marechal. N'outra occasião, dando « audiencia a uma segunda deputação, larga-

(83) Foy diz, no tom. 4.° pag. 228, que o activo octogenario José de Seabra da Silva, era o primeiro élo desta cadeia, em quanto a Biog. de S. Preuve pinta aquelle ingrato protegido do Marquez de Pombal, dando traças para o Principe D. João ser juridicamente desthronisado. O tempo acclarará estes mysterios. Escreve ainda o mesmo historiador, que o duque de Abrantes sabia da existencia daquella associação; que nunca a perdia de vista; que a sua direcção, o conselho conservador de Lisboa, era tão ardente em palavras, quão timido em acções; e finalmente, que Junot algumas vezes exercia nelle uma influencia occulta, querendo certamente com isto dizer, que o general governador tinha no conselho conservador criaturas suas, que lhe denunciavam quanto ahi se passava, e combatiam os mais energicos planos da conspiração, com outros assaz moderados, cujo fim especial era fazer consumir em prolongadas e ociosas discussões, o tempo que devêra ser de outro modo aproveitado. Quanto a nós, sentimos e deploramos estas miserias, mas consola-nos a idéa de que todas as nações contam filhos degenerados. E ninguem se maravilhe da moderação de Junot, nesta crise, porque mais lhe convinha agora entreter a conspiração, annullar-lhe os effeitos, e atalhar-lhe os progressos por vias indirectas, do que perseguir os conjurados. Quasi todas as mais altas e opulentas influencias civis, militares e ecclesiasticas de Lisboa, pertenciam á dita associação: consequentemente as perseguições seriam assaz impoliticas e perigosas.

(84) Camp. Port. em L. tom. 4.° pag. 14.

« mente Soult se espraiou sobre os beneficios « que ao reino acarretaria um principe francez, « e accrescentou: — Quanto a mim, reconheço « o muito que vos devo pelas vossas disposições « a meu favor, mas não depende de mim o « responder-vos. — Com tudo, elle contava tanto « com o feliz resultado dos seus calculos, que « já se publicavam proclamações annunciando a « sua exaltação. Mui felizes, todavia, foram os « francezes que intervieram neste negocio, de « não o terem levado mais longe. Um dos aju- « dantes de campo do marechal, sendo chamado « a Paris, o Imperador, com as mais severas « expressões lhe declarou o seu descontenta- « mento, e concluiu assim: — Se tivesseis ido « adiante mais um passo, mandava-vos espin- « gardear. »

Com a Biog. Un. combina a duqueza de Abrantes, no vol. 12 das suas Memorias, aonde nos assegura que o duque da Dalmacia, n'uma circular aos seus subalternos, se explicára nos seguintes nada equivocos termos: — Mandando-me o Imperador guardar Portugal a todo o custo, estou em fim decidido a aceitar as insignias da realeza.

A duqueza affirma ainda, que n'uma biographia do marechal, impressa em Bruxellas, provavelmente sob os auspicios de algum seu amigo, se dava como certo, que quando Napoleão o despedira para ir commandar na Peninsula, acabára as suas instrucções do modo seguinte: — Sr. marechal, o duque de Abrantes já, por ordem minha, declarou, que a casa de Bragança cessára de reinar: fazei vós igual declaração, e se para conservar Portugal fôr myster uma dynastia, com prazer ahi verei a vossa.

Nós não acreditamos, que depois das terriveis manifestações, desde maio de 1808, feitas na Peninsula contra os exercitos de Napoleão, houvesse portuguezes assás insensatos, para em commissão irem pedir a Soult que se acclamasse rei, e muito menos que essas commissões sahissem de Braga, aonde os commissarios e suas familias, achando-se longe do duque da Dalmacia, estavam mais expostos ás explosões populares, que não deixariam de repetir-se no primeiro ensejo opportuno. Ainda que algum portuguez, que raro seria, naquella épocha desejasse um soberano importado de França, esse portuguez, por pouco que lesse no futuro, não se animaria a manifestar os seus sentimentos com tamanha publicidade. Póde por consequencia affirmar-se, sem grande medo de errar, que as commissões e proclamações a que a Biog. se refere, embora apparecessem nellas alguns nomes portuguezes, não passavam de meros artificios inventados pelo marechal, e pelos officiaes que o rodeavam, os quaes, se elle fosse rei, certamente esperavam tornar-se os satelites do novo planeta.

JOÃO ANTONIO DE CARVALHO E OLIVEIRA

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

THEATRO DE S. CARLOS.

Madame Novello. — O seu beneficio e a sua despedida.

442 O engajamento de Madame *Novello*, para o theatro de S. Carlos, é um facto, que será sempre recordado com saudade pelos frequentadores deste theatro.

Foi uma boa fortuna para o publico o possuir por alguns mezes essa voz cheia de harmonia e de encanto, que sabia levar as mais ternas e apaixonadas notas até ao intimo do coração.

Entre os nomes illustres das mais insignes primeiras damas que tem pisado o theatro de S. Carlos, ficará para sempre lembrado o nome de Madame *Novello*.

É para admirar uma das mais incontestaveis provas do grande merecimento desta illustre cantora: o seu talento popularisou-se ao passo que os thesouros da sua voz se deixaram ver traduzindo os pensamentos das differentes eschólas de musica. Desgraçada, mas nobremente altiva na *Beatriz*, severa na *Fausta*, vencedora de grandes difficuldades de canto no *Fingal*, arrebatada pelo amor na *Semiramis*, ingenua e bella nos *Puritanos*, tal a vimos nós sempre que appareceu em scena. Applausos espontaneos, geraes e enthusiasticos a saudaram tambem sempre.

O seu beneficio foi um triumpho magnifico, e a sua despedida uma ovação esplendida, a que se associaram nomes distinctos e respeitaveis.

As corôas, as flores, os bravos, e os applausos, que nessas duas noites saudaram Madame *Novello*, não se podem contar nem descrever. Em ambas as noites o seu retrato foi distribuido: e na segunda noite tambem se distribuiu uma homenagem, que, pelo que nos lembra, ainda nenhuma outra artista recebeu: e era uma corôa contendo os nomes dos principaes professores de musica de Lisboa, não tendo permittido a falta de tempo, que fossem os proprios *fac-similes*, como elles desejavam. Não occultaremos, que sympathisámos com todos estes triumphos, não só porque Madame *Novello* é uma artista distincta mas tambem porque é uma senhora illustre e merecedora da estima e consideração que toda a sociedade de Lisboa lhe tributa.

Em seguida publicamos duas das poesias que, na noite da sua despedida, se espalharam: —

Despedida de Madame Novello ao publico lisbonense.

Adeus, terra de encantos
De loiros e de rosas
E de almas generosas
A quem amor sorri!

Adeus, saudosa terra,
Lisboa hospitaleira,
Eu vou, mas prisioneira
Minh'alma deixo em ti.

Tu deste-me grinaldas,
Amante de harmonias,
Eu voto, de meus dias,
Lembrança eterna aqui.

O céu te volva em bençãos,
Gentil filha das artes,
As flores que repartes,
Com quem chora por ti.

A Madame Novello na noite da sua despedida. — Os seus admiradores.

Hommage au génie.

* * *

Honra á arte, ao genio, á gloria,
Honra ao gesto, á voz, ao canto
Que ora de meigo nos prende,
Ora nos gela de espanto!

Tu, artista, em cujos labios
Ungidos pela harmonia,
E a cada nota um affecto,
E cada affecto poesia;

Tu, cantora, em vez dos louros,
Em vez dos bravos e palmas,
Vês rojando ás tuas plantas
Escravas tuas mil almas:

Eia ávante! — ensina á terra
As harmonias dos céus;
Conta as luctas pelos dias,
Os dias pelos tropheus!

CURIOSIDADES DE LONDRES.

(Continuado de pag. 480.)

443 Tentemos dar uma idéa summaria desta cidade. Supponhamos um vôo a correr por cima della. Eis-nos em Hyde-Park, pairando acima desse palacio de vidro, cujas estupendas maravilhas já vos terão contado. Poderia ter-se edificado uma cidade de segunda ordem no terreno occupado pelo passeio de Hyde-Park e os deliciosos jardins de Kensington; porém a magnificencia ingleza preferiu entregar á diversão dos ociosos essas formosas relvas, essas sombras e essas largas ruas areadas.

Á direita de Hyde-Park, olhando para o nascente, fica Belgrave-Square, bairro aristocratico onde a investigação e a riqueza realisaram em proveito dos nobres oriundos dos Saxonios todos os milagres do luxo e profusão da vida asiatica. Vêdes na quina do passeio que toca em Piccadilly, Apsley-house, palacio do duque de Wellington. Certo dia a plebe amotinada excedeu-se a ponto de arrojar projecteis ás janellas de sua ex.ª; d'então para cá Apsley-house está condemnado a obscuridade perpetua, as janellas estão sempre fechadas que n'alguma proxima sedição os amotinados achassem ainda caixilhos e vidraças que partir. Achamos neste sitio as recordações da gloria militar do heroe de Waterloo. O arco triumphal em frente de Apsley-house é um monumento das façanhas do nobre duque. Não podemos passar em silencio o Achilles, levantado em Hyde-Park pela admiração das damas inglezas ao grande capitão seu compatriota, estatua colossal imitando a attitude de um gladiador, na qual o artista, sem duvida ao contrario da intenção das fundadoras, esqueceu-se do menor vestuario.

Piccadilly foi outr'ora o centro do commercio da moda; hoje está um pouco desvanecido o seu antigo esplendor e passou a sua freguezia para os brilhantes armazens de Regent-Street. Atravez de Hay-Market chegamos a Trafalgar-Square. É impossivel que a este nome não se associe mui naturalmente o de Nelson; ei-lo insculpido nessa columna rematada pela estatua do famoso almirante. Nelson é uma das glorias populares da Inglaterra; é um dos homens illustres deste paiz que de costume figuram nas caixas de tabaco.

Seria preciso muito tempo e espaço para nomear todas as grimpas de campanarios que descobrimos na meia tinta desta atmosphera caliginosa. Paremos sómente em Westminster-Abbey, admiravel specimen do primitivo estylo gothico, na presença do qual a mixordia sarracena do Novo Parlamento, que lhe fica defronte é um mosaico desenxabido e ridiculo. Westminster é o Pantheon da Inglaterra.

Voltemos a Trafalgar-Square. A galeria nacional deverá attrahir vos se estimais as bellas pinturas: achareis, além de uma escolha não muito numerosa de quadros dos grandes mestres das eschólas italiana e hollandeza, alguns paineis de Reynolds, de West, de Hogarth, de Gainsborough, e de Welkie. Mas seria necessario bastante vagar para visitar com miudesa toda esta galeria; e eu prometti-vos a corrida de um vôo.

Na parte monumental, Londres appresenta mediocre interesse: estamos n'uma cidade de origem moderna. A maior parte dos monumentos antigos desappareceu no incendio de 1666. As variedades do estylo gothico empregadas com demasia, não tem conseguido envelhecer esta cidade, que fica juvenil a despeito dos esforços de seus architectos; e demais, o engenho inglez até agora se tem applicado mui exclusivamente ao negocio para que possa cuidar nos graves interesses da arte. Todavia parece estar bem proximo o tempo de sahir a Inglaterra desta indifferença. Este progresso é denotado pela impaciencia de engrandecerem e distinguirem-se que manifestam os artistas inglezes. É indubitavel que com os meios de emulação

de que dispoem a opulenta Inglaterra, as artes receberão poderoso impulso e serão levadas promptamente ao seu supremo desenvolvimento.

Se gostaes de originalidades, Londres é a cidade por excellencia dos figurões originaes. É necessario pôr pé em terra e correr como observador as ruas e as praças publicas. Eis-nos, precisamente ao sair da galeria nacional, em Pall-Mall. Vêde esse grupo que se apinha, se desfaz, e se recompoem em redor desse homem que está de pé junto de um viveiro como de passaros; são basbaques que de passagem se recreiam com um espectaculo sempre curioso para um inglez. O emprezario do divertimento conseguiu reunir na mesma gaiola e sujeitar ás leis de amigavel camaradagem os animaes que por naturesa são entre si mais incompativeis. Esta casta de exhibição data de tempo immemorial e excita sempre o mesmo assombro.

A Strand vos reserva observações não menos agudas. Estamos no foco daquella pasmosa actividade de que já vos fallei. Todos esses homens que vêdes uniformemente vestidos de preto, que caminham com um passo grave como os almotacés romanos para a cadeira curul, são negociantes que a sêde d'oiro, *auri sacra fames*, arrancou de manhã ás doçuras familiares e á fresquidão da sombra e que vão para a city, onde n'um escriptorio de alguns pés em quadrado exploram um commercio que abrange as cinco partes do mundo. O negociante inglez não tem a casa entulhada de fazendas. As suas mercadorias estão nos vastos depositos das docas, negoceia com folhas de papel. A promptidão das permutações não é o unico beneficio deste methodo; tambem com elle lucram as relações sociaes, e não ha alli mercadores que traficam com generos nauseabundos, que tragam ao centro das companhias cheiros inveterados.

Fleet-Street, que continua a Strand, appresenta a mesma chusma e, a mesma marcha. Podeis estudar aqui á vontade os recursos inexgotaveis que o genio do lucro poem nas mãos de um inglez para vulgarisar as suas fazendas por meio do annuncio.

Quando tiverdes passado o sumptuoso templo de S. Paulo, e Mansion-House, isto é, a casa de residencia do lord mayor, um negociante da city, eleito temporariamente magistrado civil a quem uma constituição singular concede prerogativas verdadeiramente regias; quando tiverdes visto de passagem o Banco e Stock-Exchange, esses dois grandes templos; achareis sempre a mesma afluencia, mas sob um aspecto novo. Temos visitado os bairros florecentes e ricos; aqui principia um mundo novo. Não encontrareis, senão accidentalmente, no bairro da Mint e de White-Chapel aquelles semblantes louros e rosados, que tem sempre um como sorriso até na sua immutaval impassibilidade, esses vestidos pretos que são uma taboleta de probidade, ordem e prudencia; mas sim rostos macilentos, desfigurados pela fome ou pela devassidão, e farrapos que rivalisam na indiscriptivel estranhesa com o trajo de M. Frederick Lemaitre n'um drama que se tornou celebre. Nada faz lembrar aqui os esplendores da parte de Londres que acabamos de deixar. Já tinheis admirado aquellas casas, lindas posto que um pouco melancholicas, quasi todas precedidas de um gradamento, a cujo umbral acode uma rapariga esperta, agil e risonha, logo que a pancada do martello que serve de aldraba annuncia visita: as mais das vezes arbustos viçosos fazem mais alegre a fachada um tanto monotona dessas vivendas. Mas onde acabamos de entrar, adeus verdura, adeus physionomias espertas; é a miseria, a horrivel miseria que está de pé na frente desses antros onde a desesperação lucta e e se estorce: alli vimos esqueletos humanos que pareciam não ter a sensação da vida, e que só a vista de um copo de genebra reanimava subitamente. A incontinencia é de certo uma das causas mais activas do pauperismo em Inglaterra. Mas desviemos os olhos desta medonha pintura.

Chegamos ao sitio das Docas, isto é ao centro da riqueza commercial de Londres. O amador de lanços picturescos não poderá achar uma scena mais grandiosa e magnifica, mais attractiva do que a vista que offerece o Tamisa desde a ponte de Londres até Wolwich. O rio está coberto de uma selva de mastros nesta paragem. Veneza, mesmo na épocha em que era a rainha dos mares, em que vinham misturar-se com suas numerosas frotas os navios de toda a parte do mundo, nunca appresentou aspecto mais magestoso, mais soberbo do que este sitio de Londres.

Wolwich e Greenwich são dois passeios de que o estrangeiro não póde prescindir: uma com o seu arsenal de marinha lhe dará idéa do poder maritimo da Inglaterra; Greenwich lhe recordará as épochas mais gloriosas deste poder pelas memorias que se ligam com o hospital d'invalidos da marinha. Achará mais nesta ultima localidade uma das mais bellas tapadas ou parques que ha no mundo.

Acabamos de tocar na ultima posta da jornada circumscripta que emprehendemos atravez de Londres. Seria mister escrever volumes para encher as lacunas que existem entre os diversos pontos de demarcação que tomámos na planta de Londres. Póde asseverar-se que os proprios inglezes não conhecem perfeitamente a sua metropole. Ha recantos desta sociedade que nunca foram explorados. Existia, ainda não ha muito tempo no centro de Londres uma cloaca immunda, que denominavam St. Gilles. Veio um dia em que a commissão de melhoramentos da cidade fez reparo, em que esta especie de *Cour des miracles* de Paris desfeava pela sua visinhança os bairros industriosos e centraes, e com um traço de penna fez desapparecer até o ultimo pardieiro. Um bairro novo, sadio, e perfeitamente transitavel, substituiu o antigo St. Gilles; mas a sua população não emigrou, dispersou-se pelos bairros remotos.

Dirigido por um cicerone intelligente deve o viajante visitar os bairros de Londres. Convidam-se pelo orgão da imprensa os curiosos ás corridas de New-Market, ás representações scenicas, a todas as festas do *sport*; mas não são estas as unicas coisas interessantes daquella grande capital. O contraste profundo e instructivo da opulencia fastosa e da medonha miseria é que dá a Londres uma physionomia unica entre todas as cidades.